

História Oral do Povo Labrense

João Batista Neto¹

Elaine Cristina Maia da Silva²

RESUMO

Escrever a história de Lábrea por outra via documental foi o objetivo desse artigo, que utilizou a metodologia da História Oral. A utilização dessa técnica entre os moradores pioneiros da cidade de Lábrea possibilitou resgatar e registrar modos de vida, percepções sociais, modificações estruturais e sociais da cidade, enfim, a história do povo labrense a partir do prisma dos seus pioneiros.

Palavras-Chave: História Oral; pioneiros; Lábrea

¹Doutor em Artes. Professor de História – IFAM. E-mail: jbnetousp@gmail.com

²Discente do curso de Informática – IFAM Campus Lábrea. E-mail: lany_tina10@yahoo.com

HISTÓRIA ORAL DO POVO LABRENSE

João Batista Neto

Elaine Cristina Maia da Silva

ABSTRACT

Lábrea city history was writing using a new documentary focus and the objective of this article, were the Oral History methodology. The technique of Oral History was used on the pioneer inhabitants from Lábrea city to access the old life habits, social perceptions, structural and social municipality changes. Else, the Lábrea people history according to the view of yours pioneers.

Key-words: Oral History; Pioneers; Lábrea City

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da curiosidade em saber como se realiza um projeto de pesquisa em história e que enfocasse a cidade de Lábrea. Após uma breve busca em textos sobre a cidade na biblioteca do Colégio Estadual Santa Rita e na busca de fontes em nossa desqualificada e incipiente internet, verificou-se lacunas. Algumas impossíveis de serem preenchidas, como a pesquisa em materiais públicos, visto que até a Biblioteca Municipal está fechada, com seu acervo espalhado ou guardado. Buscando o ineditismo, optou-se pela História Oral.

O trabalho de campo ocorreu na cidade de Lábrea na última semana letiva de 2010 e só foi possível porque locou-se o equipamento audiovisual. A despeito do amadurecimento teórico nos estudos sobre a História Oral, ir a campo foi uma aventura. As dificuldades impediram um número maior de entrevistas. E são com duas entrevistas com mulheres que apresenta-se essa pesquisa com uma perspectiva feminina da história de Lábrea. Nada intencional, diga-se de passagem. Após a coleta, ver e rever as entrevistas, foi realizada a transcrição para a análise no formato texto. Uma vez efetivada essa tarefa, buscou-se as unidades de sentido e agora o texto final com uma análise sucinta sobre a percepção dessas senhoras sobre a vida em Lábrea.

Como elas chegaram à Lábrea? Nasceram na cidade? Do que tem mais saudade? Como era a educação? E a vida cotidiana? A política? O que mais chamou a atenção na fala de uma entrevistada? E na da outra? Que aspectos negativos a Lábrea presente é tão diferente da Lábrea passada? E o que aspectos positivos ela também apresenta? Enfim, uma pesquisa que demanda tanto tempo para sua realização, cujas respostas as indagações acima encontram-se nesse trabalho. Que teve um pequeno apoio do CNPq, é verdade. Quase nada, mas teve.

Por fim, no capítulo Metodologia apontam-se várias opiniões teóricas sobre a História Oral e seu uso como metodologia e fonte de registro para a área de História. Já o capítulo da análise de resultados, as Rupturas e Permanências são analisadas com o uso de imagens, notícias de jornais, alguns artigos retirados da internet e da bibliografia acessível sobre Lábrea. O resultado sempre poderia ser melhor do que realmente se esperava. Mas a satisfação em ver esse trabalho finalizado só não é maior porque espera-se sinceramente que a ele seja dado continuidade.

1. METODOLOGIA

A História Oral é uma técnica utilizada nas ciências sociais para identificar as rupturas e permanências de aspectos históricos presentes em uma dada sociedade. A importância dessa técnica pode ser mensurada pela quantidade de congressos e revistas científicas existentes no Brasil e no mundo que tratam especificamente sobre a História Oral. Ou seja, de uma técnica utilizada por historiadores a História Oral está se metamorfoseando em uma área de estudos, como a História Antiga, a História da América, etc.

A utilização dessa técnica entre os moradores pioneiros da cidade de Lábrea possibilitará

resgatar e registrar modos de vida, percepções sociais, modificações estruturais e sociais da cidade, enfim, a história do povo labrense a partir do prisma dos seus pioneiros. A relevância desse projeto reside no seu ineditismo e também no registro histórico dos personagens que fizeram a história recente de Lábrea.

História Oral é um método qualitativo de investigação científica. Há uma divergência entre os historiadores se seria a História Oral uma técnica, uma metodologia ou uma disciplina. Uma das principais publicações sobre História Oral (Usos e abusos da História Oral) discute exatamente essa situação. E as organizadoras (Amado e Ferreira, 2001, p. 16) ressaltam essa importância no discutir qual o papel da História Oral no trabalho do historiador na contemporaneidade. E assumem o papel da História Oral como uma metodologia. Já Meihy (1998) tem outra posição e considera a História Oral como uma disciplina. A despeito do status que História Oral possa ter, ela será tratada nesse projeto como uma metodologia de pesquisa. Segundo Alberti (1989, p. 52), a história oral é:

“... um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc...”

Alberti aponta para um equívoco frequente e que convém evitar: considerar que a entrevista já é a própria história. Não é esse o caminho. O trabalho na História Oral consiste no pesquisador interpretar e analisar a entrevista como fonte, a despeito da tradição na área de trabalhar com fontes escritas e não áudios-visuais. Para facilitar esse trabalho, tomou-se o cuidado de fazer a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, pode-se analisar a fonte oral como qualquer documento escrito já trabalhado na forma mais tradicional. Marc Bloch (2001) aponta que a fonte histórica é como uma testemunha. E o historiador tem que saber investigá-la, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema que propôs no projeto de pesquisa. No caso da História Oral,

“Todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto. Ela transmite todas as qualidades distintivas da comunicação oral, em vez da escrita – sua empatia ou combatividade humana, sua natureza essencialmente tentativa, inacabada.” (Thompson, 1992:146).

Não se deve esquecer do papel da subjetividade na História Oral³. Ferreira (1994) aponta que a atribuição central e relevante da subjetividade na História Oral como mais uma abordagem

³Um questionamento e uma boa resposta sobre esse assunto: “Não estaríamos comprometendo a objetividade necessária a qualquer trabalho científico? É sabido que jamais poderemos apreender o real tal como ele é; apesar disso, insistimos em obter uma aproximação cada vez mais acurada dele, para aumentar qualitativa e quantitativamente nosso conhecimento”, Alberti, 2007, p. 23.

nesse campo que privilegia o estudo das representações e confere um papel central às relações entre memória e história. Neste sentido, muitas ausências podem ser percebidas e muitas situações são tão parecidas que realizar questionamentos é realizado apenas para justificar o que já se sabia. Um exemplo prático é o questionamento sobre o que mais sente falta para uma pessoa idosa. Óbvio que a resposta será em relação aos parentes e amigos que já não vivem mais.

Em Thompson (1992) observa-se que as fontes orais não estão no mesmo nível que outros tipos de vestígios históricos e não podem ser utilizadas como um documento a mais. Deve-se essa valorização ao fato da História Oral permitir-se apresentar-se como uma forma de registro. Quando se grava, sempre sendo criterioso em relação a como se grava, temos um registro mais fidedigno em relação a um registro simplesmente escrito.

As entrevistas são novas formas de documentação que o historiador pode se debruçar e realizar. As entrevistas de História Oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. No caso, trata-se de saber a percepção da participação do sujeito na história da cidade de Lábrea. Cabe ressaltar que o trabalho com a metodologia de História Oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. A instituição IFAM deve realizar o arquivamento desses registros que podem, futuramente, serem utilizados em novas pesquisas.

A História Oral se ocupa da memória e da identidade, realizando como ato final a relação entre estes dois aspectos de maneira a propor que um conduza ao outro. Outra questão é possibilidade de subverter a ordem da produção de documentos históricos, pois parte-se do presente (a entrevista realizada no momento atual) para o passado (o registro dos acontecimentos). As fontes orais têm se revelado com aliadas indispensáveis dos pesquisadores do tempo presente (ALBERTI, 2004).

Entre os três ramos principais, a se saber, História Oral de vida; História Oral temática e tradição oral, opta-se pela História Oral de vida, que tem como meta retratar os caminhos de vivências pessoais que, contudo se explicam em grupos afins (sejam familiares, comunidades, coletivos que tenham destinos comuns). No caso, o ponto em comum é a cidade de Lábrea e o viver nesta localidade há tempos e reconhecer as mudanças e as permanências históricas durante este percurso de tempo.

A História Oral visa dar voz com mais ênfase ao povo sofrido e sem voz dentro de uma dada sociedade. Trata-se de priorizar os grupos silenciados seja pela marginalização socioeconômica, censura, analfabetismo e interdições variadas. Mas, neste caso específico da história do povo labrense, optou-se por apresentar num primeiro momento a voz de mulheres, com o objetivo de mostrar o mosaico de percepções históricas vividas na localidade do ponto de vista feminino.

As entrevistas foram realizadas nas residências dessas mulheres, com a utilização de uma câmera de vídeo, que possibilitou a existência como documento histórico a fala do entrevistado. O assunto tratado foi a história de Lábrea, enfocando as permanências e rupturas históricas na sua realização na percepção do entrevistado. Essas falas podem estabelecer parâmetros comuns e organizar discursos reflexivos capazes de orientar o que se chama de comunidade de destino. A perspectiva futura é que essa comunidade passe a participar de forma mais atuante no registro de sua existência e, de forma crítica, poder atuar possivelmente na modificação do seu modo de vida

em relação a sua percepção da história dentro do prisma do viver na sociedade labrense. Dessa forma, a História Oral transforma-se num processo de conscientização, numa maneira instrumental de favorecer políticas públicas.

2. ANÁLISE DE DADOS: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Lábrea é uma cidade localizada na região do médio Purus com uma população estimada, em 2007, segundo dados do IBGE, de 38.451 habitantes. Segundo o IBGE, 2010 apresentou uma elevação de seu PIB per capita de R\$ 3.654,00 para R\$ 4.776,00. Historicamente, o processo de colonização e a característica de se encontrar entre 3 estados brasileiros (Acre, Amazonas e Rondônia) com histórias distintas e forte influência da colonização boliviana lhe asseguram características no mínimo especiais, que precisam ser melhor avaliadas para o entendimento de sua rica diversidade cultural.

O município é gigantesco (68 229,009 km²) e situa-se entre dois grandes rios (Purus e Madeira) e duas importantes áreas culturais indígenas na classificação de Galvão (1973) com possível influência em suas tradições. A área cultural Juruá - Purús onde predominam índios das famílias lingüísticas Pano, Aruák, Catuquinas; e Área cultural Tapajós - Madeira onde predominam índios do grupo Tupi (Munduruk's, Maués, Kawahyb). Quanto às condições para educação no município, segundo dados do IBGE Cidades, em 2009, registraram-se 9437 matrículas no ensino fundamental e 1430 para o ensino médio. Em 2009 registrou-se 359 docentes do ensino fundamental e 49 do ensino médio.

A história já publicada sobre Lábrea é tratada em algumas vertentes bem claras: a região sempre é vinculada a história da exploração econômica do Rio Purus, com destaque para a publicação atualizadíssima do Prof. Pedro Pires (2010); trata sobre os povos indígenas que por aqui habitam ou habitaram, com várias teses, artigos e dissertações que vão da Antropologia à Geografia, como o bom trabalho de Risso (2005); tratam sobre a fauna e flora e, finalizando, infelizmente, Lábrea também é nome de destaque para uma peste chamada de "peste negra de Lábrea" - nome dado para a uma hepato-encefalopatia de evolução aguda com alta letalidade e que incide em crianças e adultos jovens na Amazônia Ocidental (BENSABATH e SOARES: 1986, p. 531). Esse trabalho busca ser outro viés para analisar a cidade de Lábrea, o viés da história oral.

O trabalho realizado no município de Lábrea foi o de coletar através de entrevista gravada em vídeo (alta definição) o depoimento de duas senhoras sobre a sua percepção das mudanças (rupturas) e o que ainda possui uma duração constante (permanência). No meio do processo de realização desse trabalho se percebeu uma guinada em relação ao projeto original, pois pautou-se a investigação científica para um estudo de gênero, não sendo mais apenas o resgate da história de Lábrea, mas efetivamente a percepção feminina da história de Lábrea.

Ambas as entrevistas foram realizadas na última semana letiva do ano de 2010 e contou com a ajuda de um câmera-man, um operador de áudio e vídeo, além, é óbvio, das presenças dos autores como entrevistadores. Os encontros foram filmados, com o consentimento informado das mulheres. Assim como em Bosi (1995, p. 38), "Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito

enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças”.

Posteriormente, foi realizado uma pré-análise das sessões filmadas, observando a maneira como se produziu o processo das entrevistas. Após essa pré-análise, buscou-se passar para o papel todas as falas, inclusive da entrevistadora. E assim percebeu-se como ficaram livres as entrevistas, deixando-se invadir por intuições, impressões e ideias ao longo do processo de sua realização. A partir das narrativas compiladas, buscou-se nos textos as unidades de sentido, a categorização e análise dos resultados. Após o escrutínio dos textos, as unidades de sentido foram agrupadas em dois conjuntos de categorias: as semelhanças e as diferenças entre as manifestações das entrevistadas.

São duas senhoras e ambas nasceram e moram no município de Lábrea. Conhecem outros municípios, mas sempre estiveram morando em Lábrea. Uma curiosidade é saber que nasceram no mesmo dia, em 24 de maio (de 1922 e de 1926). Mas, o que chama a atenção não é o fato curioso, mas a ascendência cearense. As senhoras Deusdina (84 anos) e Juraci (88 anos) afirmaram que seus pais são do Ceará e para Lábrea vieram com o propósito de melhores condições de vida, pois fugiam das condições ruins de vida oferecidas na região Nordeste. Segundo Gonçalves (2006, p. 119), “ pelo menos durante o quartel final do século XIX e início do século XX, o Ceará foi o principal exportador de população para outras regiões do país”. De fato, é de conhecimento público que o Nordeste tornou-se o fornecedor de mão de obra para o Amazonas. Em especial, o Ceará.

Além do trabalho específico para o qual foram aliciados (como a exploração da borracha), muitos trabalhadores nordestinos ao chegarem as largas extensões povoadas por indígenas – ignorados e mortos – descobriam diversas formas de sobrevivência. Alguns na busca do ouro em garimpos, outros como posseiros em lotes de terra e, mais recentemente, tornaram-se exploradores de madeira para madeiras ou serrarias.

Estudaram no município, que naquela época só havia até o chamado ensino primário e essas escolas eram administradas por padres e por freiras. Relembaram escola era muito rígida, pois eram castigados e obrigados a se ajoelhar em cima do carço de milho quando cometiam algum erro escolar ou realizavam alguma peraltice. Em Casa-Grande & Senzala, publicado pela primeira vez em 1933, Freyre criticava duramente a metodologia de ensino dos padres, considerados por ele como velhos, ranzinzas terríveis, sempre com vara de marmelo ou a palmatória na mão. Concluindo que “foi à força de vara e palmatória que os ‘antigos’, nossos avós e bisavós, aprenderam Latim e Gramática; Doutrina e História Sagrada”, (1987, p. 417). Essas punições escolares fizeram parte também do ensino laico naquela época.

Se os padres eram rigorosos ensinadores, há de se esclarecer que desde tempos remotos a cidade de Lábrea tem a presença de religiosos católicos trabalhando na cidade e região, como os agostinianos recoletos. E muitos trabalharam para melhorar a vida da população, especialmente nas áreas da saúde, educação e assistência social.

Suas famílias eram grandes com mais de cinco filhos cada uma, o que se encaixa perfeitamente na média nacional, pois na década de 1940 o Brasil apresentava uma média de 6,1 na taxa de fecundidade total (o número total médio de filhos que cada mulher teria ao fim de seu período reprodutivo, caso sua trajetória de vida reprodutiva seguisse as taxas específicas de fecundidade por idade observadas no momento da pesquisa)⁴.

⁴Taxas de Fecundidade Total. Brasil, 1940 a 2004. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Especificamente sobre Lábrea, as entrevistadas declararam que a cidade era calma e tranquila. Falaram também que a cidade já tinha bebida e brigas, porém não havia morte por causa disso. É que os labrenses iam bastante para a missa. É uma outra época, com certeza. No Brasil, até 1.890, o catolicismo era a religião oficial do Estado e as demais religiões eram proibidas. O catolicismo era subvencionado pelo Estado e gozava de enormes privilégios. A separação entre a Igreja e o Estado foi efetivada em 7 de janeiro de 1.890 e constitucionalmente consagrada na Constituição de 1.891. Porém, uma situação é a da legalidade e a outra é a do costume. Em Lábrea percebe-se ainda hoje a forte influência cotidiana de todas as igrejas, não somente a Católica. Nem é necessária muita imaginação para saber como era alguns anos atrás. Mas, volta-se a esclarecer que muitos padres, inclusive estrangeiros, tinham interesse somente em ser solidário ao próximo, atuando há tempos nas áreas da saúde, educação e assistência social no município.

Uma situação que também pouco alterou, embora nos tempos antigos fosse pior, é a dependência da navegação no Rio Purus. Obviamente havia uma quantidade menor de motores a barco, o que foi lembrado pelas entrevistadas, oportunizando que existisse uma quantidade maior de barcos a remo.

Dois fatores que se destacaram ao longo dos anos em Lábrea foram as melhorias na educação e na saúde. As duas áreas apontadas como melhores com o passar dos anos pelas entrevistadas merecem uma análise mais cuidadosa. Começa-se pela educação. A educação labrense passou por profundas modificações, especialmente na última década, com a criação da unidade local da Universidade Estadual do Amazonas – UEA, da Universidade Aberta do Brasil – UAB, e da presença da Universidade Luterana – a ULBRA. Afora a implantação do IFAM – Campus Lábrea. Portanto, parte da população labrense que teria que sair da cidade para completar seus estudos não precisa mais realizar tamanho esforço. Ao contrário. Percebe-se que algumas pessoas estão virando “estudantes profissionais”, realizando um curso atrás do outro pelo prazer ou vontade de se aprimorar continuamente.

A percepção de melhorias na saúde num local onde existem falsos médicos⁵, médicos estrangeiros sem CRM e alguns que vivem pouco tempo no local antes de buscar alocação em outros centros urbanos, além da ausência de médico de qualquer especialidade, parece ser uma contradição. Não é o caso. As condições de tratamento de saúde no interior do Amazonas são precárias. A despeito de Lábrea estar perto de uma capital de grande porte (Porto Velho – RO), para onde existem voos todos os dias (empresa de táxi aéreo RIMA e TRIP). Falta de saneamento básico, péssimas condições de saúde, ausência de médicos especialistas, facilidade na propagação de doenças e distância lunar dos bons hospitais transformam o tratamento médico numa odisseia nos dias atuais. Mas, há algumas décadas, essas mulheres vivenciaram tempos ainda mais sombrios.

Analisando as epidemias e políticas públicas na construção da Rodovia Transamazônica, Souza (2010, p. 01) aponta desde o título que “a morte é fácil na Amazônia”. Não foi a Amazônia que inventou as epidemias tropicais, mas foi nessa região que elas fizeram a maior quantidade de vítimas, desde a construção da Estrada de Ferro Madeira-Marmoré até a Rodovia Transamazônica, justamente no período de surgimento e consolidação da cultura de massas no país. Antes, eram os jornais e o cinema. Hoje é a televisão e a internet. O resultado é que no imaginário social do brasileiro há uma rápida associação da vida na região amazônica atrelada as dificuldades de sobrevivência rodeada por epidemias tropicais. Ideia propagada pelos meios de comunicação em massa nos seus primórdios.

⁵Polícia Federal prende falso médico em Lábrea. www.portaldopurus.com. Sábado, 11 de Junho de 2011. Acessado em 20 de junho de 2011.

Rubem Braga, um dos nossos melhores cronistas, escreveu em setembro de 1940 uma obra de arte intitulada "Os mortos de Manaus". Pelo "Boletim Estatístico do Amazona", Braga observou que, em Manaus, apenas no primeiro trimestre de 1940, morreram 428 pessoas. Ao ler e interpretar os números, Rubem Braga percebe que dos 428 mortos, 73 são crianças com diarreia e enterite⁶. Apontam os médicos que muitas crianças morrem por causa da pouca ou equivocada alimentação, as condições miseráveis ou ignorância dos pais. E conclui: "Eis uma coisa que não chega a me dar pena porque me irrita: o número de crianças que morre no Brasil" (2002, p. 12).

... [a] indústria nacional que nunca foi protegida é a indústria humana, de fazer gente. Preferimos importar o produto em vez de melhorar a fabricação dele aqui. Não se toma providência para aproveitar o produto nem para que ele seja lançado em boas condições no mercado. A lei só cuida de que ele não deixe de ser fabricado. Fabricação de anjinhos em grande escala! Que morram aos montes as crianças: mas que nasçam aos montões! É brutal (2002, p. 12).

Portanto, conclui-se que realmente as senhoras têm razão em apontar a situação da saúde em Lábrea como algo que melhorou. É óbvio. Há poucas décadas atrás, o cenário não poderia ser pior. A despeito da estrada só funcionar razoavelmente por quatro meses, possibilitando estar num hospital de qualidade entre nove ou doze horas de trajeto terrestre até Porto Velho (RO), existe vôo que possibilita ao doente estar em 45 minutos na mesma capital. Ou duas horas até a capital Manaus (AM). E tem mais. Elas observaram que sempre houve muito surto de malária em Lábrea, mas só souberam da existência da dengue nos últimos anos. A Senhora Juraci perdeu a conta de quantas vezes teve malária, mas pela primeira vez na vida teve dengue.

As duas mulheres são batalhadoras e demonstram ter tido uma vida sofrida, de muito trabalho. A senhora Deusdina na área da educação, atuando como professora. E a senhora Juraci atuando na área rural ou como cozinheira dos trabalhadores que fizeram a rodovia Transamazônica. Inaugurada em 30 de agosto de 1972, a Transamazônica foi planejada para atravessar o Brasil de leste a oeste. Seriam dois ramais (um de João Pessoa - PB, outro do Recife - PE), até Picos - PI, terminando em Boqueirão da Esperança - AC, fronteira com o Peru, acessando a partir dali uma saída para os produtos brasileiros pelo Oceano Pacífico, unindo os oceanos por uma estrada utópica fruto dos devaneios de um ditador.

⁶Inflamação na mucosa dos intestinos.



Figura 01: BR 230 (Transamazônica). Fonte: Wikipédia.

Eram mais de quatro mil quilômetros de estrada na selva. Com os trechos nordestinos, seriam seis mil. Foi o sonho faraônico de um ditador no valor (na época) de 1,5 bilhões de dólares. Levar da região Nordeste “os homens sem terra do Brasil a ocuparem as terras sem homens da Amazônia” foi o discurso do Presidente Médici. E através dessa retórica, mais de dois milhões de pessoas vieram em busca de uma vida melhor ao longo da rodovia ou de seus ramais.

O trecho de Lábrea até a fronteira com o Peru nunca foi construído. Asfaltado ficou apenas alguns quilômetros ao longo da selva e os trechos nordestinos. O resultado? O que se observa em Lábrea e outras regiões são seis meses de verão amazônico onde a falta de chuvas ajuda a secar os atoleiros e o tráfego flui em meio a grossas nuvens de poeira. De Lábrea a Humaitá demoram-se de seis a sete horas para realizar o trajeto de duzentos quilômetros. Os tratores ocupam-se (quando se ocupam) de efetuar reparos em vários pontos. É um ritual que se repete há décadas no período da seca. Nos seis meses seguintes, quando as mangueiras e castanheiras começam a florir e a chuva não dá trégua, acaba a poeira e volta a lama. Por fim, o tráfego de caminhões se encarregam de destruir o pouco que foi consertado. De Lábrea a Humaitá pode-se demorar de quatro a sete dias para realizar o trajeto, o que inviabiliza o transporte terrestre e torna o frete tão caro que os produtores labrenses não tem nem como disputar mercado fora do seu município. Somente através da navegação pelo Rio Purus.

Uma das maiores críticas advém do uso dos benefícios que o Rio Purus podem trazer para a população. Especialmente a Senhora Deusdina. A revolta dela é pelo sumiço dos peixes, um fenômeno que já ocorreu em outros Estados da Federação, mesmo os amazônicos, e que acontece atualmente em Lábrea. A despeito de ainda se encontrar tambaqui e, mesmo proibidos, ainda se consumir quelônios e pirarucu, Lábrea já sente a ausência de peixes. Senhora Deusdina disse

que pescava muito no igarapé que margeia a cidade. Hoje já não dá mais, pois ele está totalmente poluído.

E denuncia que já teve que impedir esses pescadores predadores de atuarem em suas propriedades rurais, onde invadem com dezenas de malhadeiras e levam toda a quantidade possível de peixe. Lembrando a lenda do macaco e do torrão de açúcar⁷, esses predadores quase afundam as canoas lotadas de peixe, mas não deixam de recolher todas as malhadeiras e os seus conteúdos. Alguns anos atrás a situação era outra, segundo a senhora Deusdina:

(tinha peixe) ... demais, qualquer criança pegava peixe, porque era demais mesmo. Quando passa essas piracema ficava dentro da canoa cheio de peixe, enchia era lata, essas latas de alumínio, de querosene de peixe pulando, hoje já ta mais fraco, pessoal ta também estragam muito, pessoal estragam demais, eles não pensam no dia de amanhã não, se em um ou dois que pensam no dia de amanhã é feliz, mas a maioria não pensa não, é pegar morrer e jogar fora de novo, não imagina que ele vai fazer falta.

Se a revolta pelo aumento no valor dos peixes comprados em Lábrea, o sumiço de boa parte deles e a crítica a irresponsabilidade dos tais pescadores com dezenas de malhadeiras ocupa a fala mais ácida da Senhora Deusdina, a Senhora Juraci fala mais sobre a ausência de lazer em Lábrea. Em relação aos tempos antigos, segundo a Senhora Juraci “tinha alegria aqui, aqui era muito alegre, o povo chamava aqui princesinha do Purus porque era, hoje pode chamar acabada”. A princesinha do Purus, como é conhecida a cidade de Lábrea, passa a receber várias críticas a partir de então.. A Senhora Juraci pondera que “hoje, se a gente não tiver uma televisão em casa, acabou-se, não tem mais diversão de nada”.

Lábrea já foi uma cidade que possuiu teatro e cinema, que hoje não mais existem. Estamos tratando dos anos 1940. Pela época, percebe-se que o cinema e o teatro fizeram parte da adolescência da Senhora Juraci. E que parecia ser Lábrea uma cidade animada, contando também com circo, banda de música e fábrica de cachaça. A Senhora Juraci aparenta ser uma mulher mais dionísica do que a Senhora Deusdina. Percebe-se isso nos comentários sobre o gostava de fazer. A Senhora Juraci gostava de pescar de tarrafa, linha e caniço e, quando criança, brincava muito de boneca de pano.

Por fim, não há unanimidade entre as entrevistadas sobre a política pública labrense, sempre preferindo tratar de prefeitos antigos e que acharam que realizaram algo em benefício pela cidade. Mas, o que chama realmente a atenção é o destaque para a percepção de que a calma e a paz da cidade já tiveram seus melhores dias. Pelo jeito delas falarem, parece que Lábrea, de repente, reproduz uma violência urbana encontrada em grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Maceió, Recife, etc.

Não que em Lábrea não haja problemas com assassinatos, violência doméstica ou algo parecido. Ocorre que as entrevistas ocorreram em dezembro de 2010. Em janeiro de 2011, o caso de uma menina de 13 anos que foi violentada e assassinada com 60 facadas chocou e paralisou

⁷Para capturar o macaco sem um arranhão, fura-se um coco e coloca-se dentro um torrão de açúcar. O macaco sobe na árvore e, literalmente, mete a mão na cumbuca. Tenta tirá-la, porém a mão fechada sobre o torrão o impede de passá-la de volta pelo buraco. Como não larga a presa, e prefere a cobiça à liberdade, acaba na rede dos caçadores.

a cidade, motivando a realização de passeata e nova legislação sobre o lazer noturno na cidade⁸. Pouco tempo depois, dois funcionários da Prefeitura foram presos por pedofilia⁹. Por fim, no dia 06 de junho de 2011 foi preso um pai que violentava as duas filhas e tinha engravidado uma delas¹⁰. Antes, já havia sido preso outro pai que violentou a própria filha¹¹. A diferença é que ela tinha apenas três anos. Esta aí um horror que as duas senhoras já haviam percebido. E que depois de realizar as entrevistas, passa-se a prestar mais atenção para essa dura e cruel realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrevistar duas senhoras não era o objetivo final do projeto de pesquisa. Essa mudança ocorreu devido às dificuldades em realizar a gravação e conseguir pessoas que pudessem naquele horário disponível estar aptas para realizar a entrevista. A sorte possibilitou que essas duas senhoras estivessem dispostas, disponíveis e proporcionou a este trabalho uma visão feminina na história de Lábrea.

A delícia de saber como era mais romântica a vida passada é uma utopia sempre presente. Afora isso, foi uma nova visão sobre Lábrea. Vira-se a pesquisa como portadora das informações que elas manifestaram. E algumas coisas óbvias, como saudades dos amigos e parentes que já morreram foram aliadas a novidades, como saber da existência de cinema, teatro e circo numa Lábrea mais divertida, mas sem tanta violência.

Questões sérias como o aumento no valor nos peixes, o sumiço de algumas espécies e igarapés poluídos aliam-se a manifestações de apreço pela cidade, destaque para a evolução na saúde e educação e uma preocupação maior com a outrora vida tranquila na cidade. E devido aos últimos acontecimentos, destacados até mesmo em jornais nacionais, perturbam a paz na pequena cidade. Esse registro, via História Oral, acompanha a transformação do imaginário urbano de uma cidade ilhada e pacífica modificada em uma cidade com certo grau de violência e integrada, pelo menos na comunicação, com o resto do mundo.

A expectativa desse trabalho é que ele gere frutos. A repercussão deste tipo de investigação científica ocorre no nível sensível da população local. Outras pessoas provavelmente passarão a desejar participar do projeto na medida que se sentirem responsáveis pela História de Lábrea e que devem, obviamente, fazer parte do registro da mesma. O que sugere a continuidade dessa pesquisa pelos próximos anos.

⁸Com 60 facadas menor é morta em Lábrea. www.ocurumim.com.br. Quarta-Feira, 02 de Fevereiro de 2011. Acessado em 20 de junho de 2011.

⁹Servidores de prefeitura no Amazonas são presos por pedofilia. www.oglobo.com. Sexta-Feira, 13 de maio de 2011. Acessado em 20 de junho de 2011.

¹⁰Agricultor é suspeito de estuprar e engravidar filha de 16 anos em Lábrea. www.d24am.com. Quarta-Feira, 09 de junho de 2011. Acessado em 20 de junho de 2011.

¹¹Pai estupra filha de 3 anos na aldeia Araçá. www.vozdopururs.com.br. Sexta-Feira, 11 de abril de 2011. Acessado em 20 de junho de 2011.

Também é óbvio que o caráter deste projeto envolve um impacto muito mais social e quase nulo do ponto de vista econômico. Por outro lado, trata-se de um trabalho técnico e científico que espera registrar a história de Lábrea feita pelo seu povo, para que os habitantes mais antigos da cidade e da região (em condições de realizar a entrevista) possam manifestá-la. Essa será a base por onde passarão outros escritos e historiadores, no sentido de aperfeiçoá-la, criticá-la, refutá-la ou sabe-se lá qual atitude será tomada, pois assim se realiza a ciência, segundo Popper, através da crítica e apontamento das falhas que podem e devem ser sanadas em busca do conhecimento sobre determinado assunto.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2007.

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. São Paulo: Editora FGV, 2004.

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BENSABATHE, G. & SOARES, M. C. P. A Febre negra e infecções pelo vírus Delta. **INSTITUTO EVANDRO CHAGAS**; 50 anos de contribuição: as ciências biológicas e a medicina tropical. Belém, Fundação Serviços e Saúde Pública, 1986.

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, E.. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

BRAGA, R. **200 crônicas escolhidas**. 18a. ed. São Paulo: Record, 2002.

FERREIRA, M.M. *et al.* **Entrevistas**: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 25.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

GALVÃO, E. **Índios do Brasil**: áreas culturais e de subsistência. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1973.

GONÇALVES, P. C. **Migração e mão-de-obra**: retirantes cearenses na economia cafeeira do Centro-Sul (1877-1901). São Paulo: Humanitas, 2006.

MARTINS DE SOUZA, C. A. A morte é fácil na Amazônia? debates sobre epidemias e políticas públicas na construção da Rodovia Transamazônica. In: **1º. Seminário de Sociologia da Saúde e Ecologia Humana**, 2010, Florianópolis-SC. Anais do 1º ECOSS. Florianópolis-SC: UFSC, 2010.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

POPPER, K. **A Lógica da pesquisa científica**. 9a. edição. São Paulo: Cultrix, 1993.

RISSO, L. C. **Paisagem, cultura e desenvolvimento sustentável:** um estudo da comunidade Apurinã na Amazonia brasileira. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro : 2005.

SILVA, P. P. **Retratos Sul-Amazônicos:** fragmentos da história do Rio Purus. São Paulo: Stortecchi, 2010.

THOMPSON, P. **História Oral:** a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.